

# A arte de guerrear: cultura alagoana



# A arte de guerrear: cultura alagoana

Jessica Euzebio da Silva Ferreira

Faixa etária: público em geral

categoria: contos e folclore



Olá queridos leitores,

vocês conhecem o Guerreiro? Aposto que responderam que sim. Mas essa história não trata de guerra, nem de morte, nem tão pouco de batalhas que assistimos nas telonas do cinema.

Essa batalha é contra as dificuldades diárias, contra a falta de alegria, a falta de oportunidades e a falta de esperança. Essa luta é cheia de sons, danças, marchas e cores.

São dois lados como qualquer outra batalha, tem personagens, dramas e local. Entretanto a guerra travada aqui é bem diferente. Vamos conhecer os personagens dessa aventura?



O guerreiro acorda antes do sol

nascer, luta diariamente contra a subida dos preços dos alimentos, contra a falta de transporte público, contra a falta de saúde e a falta de educação. São tantas as faltas que fica difícil de enumerá-las. Por vezes tem que escolher entre comer bem ou pagar as contas do mês. Um verdadeiro guerreiro.

Ele trabalha na praia da Pajuçara, ao sair pela manhã leva consigo a vontade de ganhar a vida e a esperança de dias melhores, junto com sua caixa térmica cheia de sanduíches naturais.

No caminho, nosso guerreiro lembra de quando era criança, das brincadeiras com os 5 irmãos, dos banhos mal tomados e dos gritos de sua mãe mandando ele escovar os dentes que já estava atrasado para ir para a escola. Isso foi antes de sua mãe falecer e ele ter que crescer rápido demais.

O guerreiro luta e luta.





Já nossa dançarina, acordou

atrasada, tomou banho, escovou os dentes, mal penteou seus cabelos negros e engoliu rapidamente seu café da manhã. Sai da frente, disse ela, a multidão que se aglomerava na porta do trem.

Ansiosa para assistir a melhor aula da semana. Era dia da aula de Artes da professora Lu, na verdade, chamava-se Ludicledja, mas todos a conhecia pelo seu codinome, Lu do folclore.

Suas aulas eram uma verdadeira aventura, em um momento ela apresenta uma dança, em outro a sala se transformava em uma peça de teatro, saíam em excursões para conhecer as artes que estavam espalhadas pela cidade.

A dançarina era apaixonada por essa disciplina, depois que começou a cursá-la conseguiu desenvolver várias habilidades tais como: concentração, disciplina, criatividade, coordenação motora entre outras. A turma toda estava animada porque nessa semana iam trabalhar com os folguedos do estado, em especial, o Guerreiro. No final da semana apresentariam o trabalho em um grande festival.



Nos ensaios dançarina lembrou de quando era criança e de suas férias na casa da avó Zefinha. Zefinha foi a primeira a apresentar o Guerreiro a nossa protagonista, todas as terças-feiras elas se

arrumavam, vestiam seus vestidos coloridos cheios de lantejoulas e fitas. Pegavam suas espadas e chapéus em formato de igrejas, acompanhavam os batuques do tambor, sanfona e pandeiros. Era uma alegria só, todos marchando em uma mistura de dança, teatro e resistência.



Vocês devem estar se perguntando quando os personagens dessa historia vão se encontrar. Calma, calma, o festival já vai começar. Todos preparados, devidamente ensaiados, o grande dia chegou!

O mundo do guerreiro e da dançarina colidiu com a chegada do folguedo na orla da Pajuçara. A arte popular genuinamente alagoana invadiu a orla, uma multidão em festa, era rei, rainha, mestre, contramestre, lira, palhaço, tantos personagens cantando em um só coro: Guerreeeeeirooooo, cheguei agora. Nossa Senhooora é nossa defesa. Guerreeeeeirooooo, cheguei agora. Nossa Senhooora é nossa defesa.

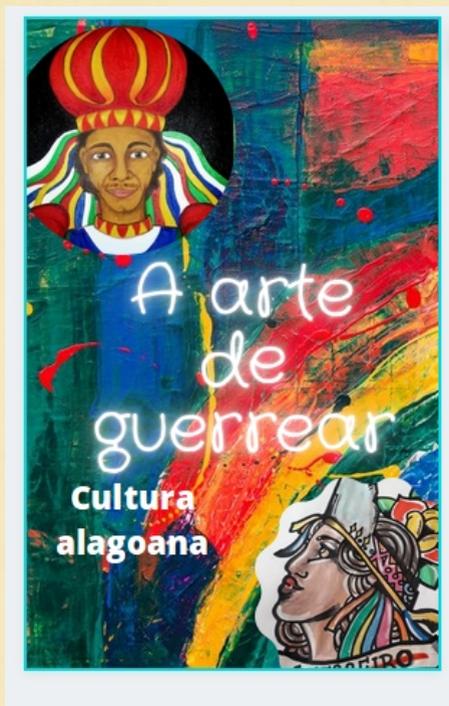


Nosso guerreiro ficou encantado com a apresentação e ao mesmo tempo triste por não poder participar do festejo. A dançarina percebeu o seu encantamento e o convidou para conhecer o projeto da professora Lu do folclore.



O guerreiro e a dançarina viraram parceiros de dança e colegas de sala de aula. Porque através da arte, ao invés de perder guerreiros em campo de batalha, conquistamos pessoas e consolidamos direitos essenciais para todos os seres humanos.

Fim.



Quando o direito à educação é assegurado permitimos que os indivíduos se desenvolvam em sua plenitude, não apenas direcionados para o mercado de trabalho, mas também para o pleno exercício da cidadania.

O incentivo a cultura permite que os indivíduos fortaleçam seus vínculos de pertencimento, reforça nossa identidade coletiva e nos uni como um povo, além de promover nossa capacidade educativa e social.

Artes, educação e cultura andando de mãos dadas.

